

A NOÇÃO DE CORPO EM SAUSSURE E EM FREUD: UM ENCONTRO PARADOXAL

THE NOTION OF BODY IN SAUSSURE AND FREUD: A PARADOXICAL ENCOUNTER

Glória Maria Monteiro Carvalho
Universidade Católica de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

Maria de Fátima Vilar Melo
Universidade Católica de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

RESUMO: Propomos, neste artigo, indicar um ponto de encontro entre Saussure e Freud no que diz respeito ao lugar ocupado pelo *corpo do falante* em suas teorias. Para colocar em discussão essa proposta, destacamos que, na perspectiva saussuriana, os sons afetam o ouvido, provocando nesse órgão uma atividade de decisão/de julgamento sobre semelhanças e diferenças (entre sons) ou, em outras palavras, o som impressiona o ouvido. Da perspectiva freudiana, recortamos a memória que possui como noção básica, a de traços mnemônicos, ou seja, a de *rastros* de impressões sensoriais que estão em constante movimento. Assim, tanto para o pai da linguística como para o pai da psicanálise, a sensação modifica, impressiona o corpo do falante, ou melhor, imprime suas marcas que se articulam, ou se associam. Essa proposta de encontro não é, contudo, pacífica, sem problemas, tanto pelo fato de que o conceito de *corpo* é nebuloso nos dois autores, como também pelos efeitos de desencontro que, paradoxalmente, ele produz.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; Freud; Corpo; Paradoxo.

ABSTRACT: The proposal of this article is to indicate a meeting point between Saussure and Freud regarding the place occupied by the speaker's body in their theories. In order to discuss this proposal, we emphasize that, in the Saussurian perspective, sounds affect the ear, provoking in this organ a decision / judgment activity on similarities and differences (among sounds) or, in other words, the sound impresses the ear. From the Freudian perspective,

we cut out the question of the memory, which has, as basic notion, mnemonic traces, that is, traces of sensory impressions that are in constant movement. Thus, for both the father of Linguistics and the father of Psychoanalysis, the sensation modifies, impresses the body of the speaker, or rather, imprints its marks, which articulate, or associate themselves. This proposal of encounter is not, however, peaceful, without problems, both because the concept of body is nebulous in both authors, but also because of the disagreement effects which is paradoxically produced by such concept.

KEYWORDS: Saussure; Freud; Body; Paradox.

1. INTRODUÇÃO

Conforme anuncia o título deste artigo, tentaremos colocar em discussão um ponto de encontro paradoxal entre Saussure e Freud. Primeiramente, convém lembrar que não se trata de um encontro físico ou textual, posto que, ao que tudo indica, os dois autores nunca se encontraram pessoalmente e nem foram citados, um pelo outro, em qualquer de suas obras. Também não se trata de aproximá-los (ou de afastá-los) em relação aos conceitos de inconsciente e consciente, na medida em que já existe, na literatura sobre o tema, uma grande quantidade de textos em que se discute a presença ou a ausência de tais conceitos freudianos na obra saussuriana. Sobre essa discussão, assumimos a posição de Arrivé (2010), segundo a qual a presença do adjetivo *consciente* e do advérbio *inconscientemente*, muito frequentes na versão padrão do *Curso de linguística geral*, estaria indicando a dimensão descritiva – e não a tópica que consiste na elaboração freudiana – dos conceitos que esses termos designam. Segundo aquele autor, está presente, na obra saussuriana, “uma gradação que faz, progressivamente, passar do que é inconsciente – que deve ser compreendido, insisto, como *temporariamente* inconsciente – ao que é consciente – que deve ser entendido no sentido de submetido à ‘reflexão linguística’” (ARRIVÉ, 2010, p. 286). A tentativa de discussão, aqui proposta, será localizada na noção de corpo, na medida em que essa noção constituiria um lugar (paradoxal) de encontro e de desencontro, entre os dois autores em foco. Iniciaremos, portanto, com uma rápida abordagem da noção saussuriana de *corpo-ouvido* a que se seguirão algumas considerações sobre o conceito freudiano de memória.

2. ATIVIDADE DECISÓRIA DO CORPO DO FALANTE: CORPO-OUVIDO SAUSSURIANO E TRAÇOS MNEMÔNICOS FREUDIANOS

Em trabalho anterior (CARVALHO; VILAR DE MELO, 2013), procuramos acompanhar as mudanças que ocorreram na noção saussuriana de signo linguístico cujos elementos foram alvo de uma substituição terminológica digna de nota. Em outras palavras, as duas faces do signo foram nomeadas com uma grande quantidade de termos que se substituíam uns aos outros, até chegar aos termos *significante* e *significado*. Assumimos, naquele momento, a posição de alguns autores (ARRIVÉ, 2010, PARRET, 2009, DE MAURO, 1985, entre outros) para quem essa mudança terminológica não seria acidental, mas estaria atendendo a um movimento de Saussure na direção de excluir do signo qualquer vestígio de substancialidade (sonora ou conceitual). Recortamos, então, o significante e, em trabalho posterior (CARVALHO, 2006) formulamos a proposta de que a tentativa de excluir, dessa face do signo, qualquer vestígio de substância sonora estaria indicando uma tentativa de excluir, da construção do sistema da língua, o corpo do falante. Para fundamentar essa proposta, colocamos em

discussão a noção saussuriana de corpo do falante em que se destaca a atividade decisória do ouvido¹.

O corpo é uma condição *sine qua non* para a produção da língua/linguagem, todavia a noção de corpo em Saussure é bastante nebulosa; numa rápida revisão da literatura nas línguas portuguesa e francesa, encontramos raras referências, seja no campo linguístico ou psicanalítico. Dentre essas referências merece destaque o que Parret (2014) desenvolve sobre essa questão.

Com efeito, ao longo de todo o *Curso de linguística geral* – de agora em diante, CLG –, não encontramos uma única vez o termo *corpo*. Poderíamos dizer que *corpo* encontra-se presente nessa obra de maneira indireta, primeiro ao serem abordadas as relações da linguística com outras disciplinas, nas quais se inclui a fisiologia. Saussure afirma, então, que a linguística requer esclarecimentos da fisiologia dos sons, fazendo em seguida um alerta, que nos parece importante, “o essencial da língua [...] é estranho ao caráter fônico do signo linguístico” (SAUSSURE, 1995, p. 14). Em outra passagem, encontramos: “Inicialmente não está provado que a linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é: que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar” (p. 17). No tópico intitulado *O lugar da língua nos fatos de linguagem*, esse autor descreve a recepção e emissão da fala, elencando não somente as partes corporais concernentes, mas também relacionando-as a suas funções. Finalmente, no capítulo dedicado à fonologia, Saussure irá descrever, de forma detalhada, a emissão dos fonemas, nomeando as partes do corpo humano aí envolvidas e que compõem os sistemas auditivo, digestivo e o respiratório.

Em relação à concepção saussuriana de atividade decisória do ouvido, recortamos um fragmento dos manuscritos de Harvard: “O ouvido só pode naturalmente decidir semelhanças, identidades e diferenças das percepções, mas suas causas que estão na dependência mútua ou podem [sic] ser supostas ser ali... [ilegível]”. (PARRET 1993, p. 202, fragmento 32, tradução nossa).

Desse modo, Saussure coloca em destaque a atividade decisória do ouvido denominada por Parret (2014) “juízo do ouvido” que consiste em analisar, em decidir sobre as identidades, semelhanças e diferenças entre sons, por meio de uma atividade de comparação (entre) e abstração de momentos acústicos simples. Parret acrescenta que, para Saussure, a voz impressiona, *ferre* o ouvido e, nessa perspectiva, o corpo é voz e ouvido: “o corpo está na voz, entre a boca e o ouvido, é essencialmente a voz que impressiona, solicita o ouvido” (PARRET, 2014, p. 8, tradução nossa), denominando-o *corpo-feito-voz*. Em outras palavras, segundo esse autor, o ouvido avalia a solicitação da voz.

Assim, o corpo-ouvido, o corpo-feito-voz, ou seja, a noção saussuriana de corpo do falante envolvido na atividade de avaliar, de decidir sobre identidades, semelhanças ou diferenças sonoras, pela via negativa, não seria o *corpo* da biologia. Pela via positiva, seria um *corpo* que, nessa atividade decisória que o define, é modificado pelos sons da fala, é afetado pela linguagem. Indagamos, então, se essa atividade decisória do *corpo* não o aproximaria do *corpo* na

1 Sobre a noção de corpo em Saussure, ver Parret (1995, 2014).

perspectiva freudiana. Ou ainda: seria viável admitir que os dois autores – Saussure e Freud –, sem terem se encontrado, tiveram um encontro no que toca a noção de corpo em suas teorias?

Para fundamentar essas indagações, iniciamos com a concepção de memória segundo Freud que possui, como noção básica, a de traço mnemônico².

É importante notar que, independente do fato de Freud não ter se preocupado em dedicar um artigo, capítulo ou um livro ao conceito de corpo, esse termo atravessa a sua obra, estando presente desde o momento da sua inauguração, ou seja, desde os estudos sobre a histeria, ponto de origem da psicanálise, quando ele se dedica a apreender a conversão histérica. Com a evolução de sua obra, o corpo toma outras formas: “o corpo erógeno, o corpo pulsional, o corpo do narcisismo, ou o Eu corporal”. (LINDMAYER, 2012, p. 342). Essa presença constante, mesmo que sempre submetida a outras questões, permite depreender a concepção freudiana de corpo, assim como deixa ver o lugar central que esse termo/conceito ocupa em sua teorização.

Dessa maneira, podemos compreender porque esse conceito tem rendido tantos trabalhos nas diversas correntes que compõem o campo psicanalítico, muito embora não haja univocidade no conceito de corpo nesse campo. Pelo contrário, o corpo sempre foi alvo de muitas polêmicas e discussões na psicanálise, gerando uma verdadeira *inflação* e, por conseguinte, confusão conceitual, conforme indica Lindemeyer (2012), para quem, entretanto, a posição de Freud sobre o corpo é clara: “ele é o lugar do qual emerge o pulsional e seu meio de chegar à satisfação, seja ela no prazer ou no desprazer” (LINDENMEYER, 2012, p. 342). Esse conceito não se limita à concepção biológica, relativa ao organismo, muito embora este não deixe de ser considerado constituído por dimensões corporais que mantêm com as outras uma relação de tensão. (WINOGRAD; MENDES, 2009)

O que foi dito deixa-nos ver a complexidade que o termo *corpo* envolve, mas, neste artigo, importa-nos destacar o trabalho freudiano sobre a memória, por duas razões: a) o corpo aparece como um lugar aberto aos estímulos (sensações), que podem aí imprimir, deixando sua marca, seu traço, o que parece ser um ponto de encontro com o trabalho de Saussure; b) a concepção de memória nos interessa particularmente, porque ela participa ativamente do processo (ou eixo) associativo em Saussure.

Na proposta freudiana, a memória consiste, basicamente, em movimento de traços, afastando-se, portanto, da concepção estática de registro. Segundo Borges, (2006, p. 100), nessa perspectiva, o traço “é rastro de uma impressão [...]” e requer o que Freud chama de “possibilidade da *escolha* determinada pela facilitação” (FREUD, 1996, p. 353). Nessa concepção, portanto, dois aspectos se destacam: 1) os traços, como rastros de impressões sensoriais, não permanecem isolados, mas se articulam, ou se associam, através das diversas vias de conexão entre os neurônios, podendo-se falar em movimento incessante dos traços mnemônicos, ou melhor, podendo-se conceber a memória como movimento; 2)

² Optamos por utilizar o adjetivo mnemônico, todas as vezes em que nos referirmos a traços de memória.

nesse movimento, há uma *escolha*, uma *preferência* de caminhos, entre os diferentes caminhos possíveis, que é determinada pela facilitação. Podemos dizer, então, que Freud (1996) concebe a memória como um incessante movimento de traços, movimento que consiste em uma atividade de escolha, de decisão que se originaria nos órgãos dos sentidos.

Sobre essa origem, o autor questiona onde se originam as qualidades e aborda essa questão argumentando que “Não no mundo externo. Pois lá, segundo o parecer da nossa ciência natural, [...] só existem massas em movimento e nada mais” (FREUD, 1996, p. 360), lançando mão, mais adiante, da proposta de diferenças de *período* do movimento neuronal, para enfrentar as dificuldades que decorrem de seus argumentos sobre o tema. “De onde emanam essas diferenças de *período*? Tudo indica os órgãos dos sentidos, cujas qualidades parecem estar representadas precisamente por períodos diferentes do movimento neuronal” (FREUD, 1996, p. 362)

Assim, a atividade de escolha, de decisão da memória decorreria da atividade dos órgãos dos sentidos pela qual são geradas as qualidades sensoriais, o que aproxima os dois autores (Saussure e Freud) no que diz respeito à *atividade decisória do corpo*.

Neste ponto, convém abrir um parêntese para realçar que a concepção freudiana de memória – contida no *Projeto para uma Psicologia Científica* – como se pode ver, traz a forte marca da neurologia. No entanto, embora tenha havido mudanças nessa concepção, mudanças que, de acordo com Borges (2006), tornam-se visíveis na carta n. 52 que Freud endereçou a Fliess e no texto *O bloco mágico*, o Projeto continuou sendo uma obra de referência sobre esse tema, na psicanálise.

Segundo Borges (2006), o movimento da memória – ou a memória concebida como movimento – é ainda mais realçado, quando Freud (1996), na carta 52 dirigida a Fliess, passa a conceber os traços como inscrições que nunca se apagam, estando continuamente sujeitos a uma espécie de novas traduções, isto é, a incessantes transcrições e retranscrições, gerando, de tempos em tempos, novos rearranjos.

Convém destacar, então, que nos dois casos (em Saussure e em Freud) trata-se de uma noção de corpo radicalmente marcado/constituído pela linguagem. Como consequência do que foi posto, pode-se apontar para o *corpo* como uma noção em que a atividade decisória do ouvido em Saussure se encontra com a atividade de decisão da memória e dos órgãos sensoriais, em Freud. Por sua vez, em alguns pontos da obra dos dois autores, esse encontro se torna especialmente visível, como é o caso de associações de traços mnemônicos que fundamentam a homofonia e que serão abordadas a seguir.

3. ASSOCIAÇÃO DE TRAÇOS MNEMÔNICOS: A QUESTÃO DA HOMOFONIA

Iniciamos esse item retomando, de trabalho anterior (CARVALHO, 2016), uma abordagem dos grupos associativos formulados no CLG, especificamente aquele que obedece apenas ao critério da semelhança sonora. Lembremos que

Saussure (1995) concebe dois tipos de lei de funcionamento da língua: a lei sintagmática e a lei associativa. De acordo com a primeira, palavras são combinadas, formando cadeias na fala e, por meio da segunda, grupos de palavras são formados, na memória do falante, obedecendo a uma relação comum entre elas. Segundo o autor, haverá tantos grupos associativos quantas relações diferentes existirem. Assim, os grupos podem ser formados com base na forma e no sentido: *ensinamento, ensinar, ensinemos*; outros, porém, podem se fundar apenas na comunidade de sentido: *ensinamento, aprendizagem, educação* e outros, ainda, na simples comunidade das imagens acústicas: *ensinamento, elemento, lento*. Sobre o terceiro grupo, os editores do CLG colocam, em nota, o seguinte exemplo: *Os músicos produzem as notas e os perdulários as gastam*³. (SAUSSURE, 1995, p. 146). Nesse trocadilho, a primeira ocorrência de *notas* possui significado diferente da segunda ocorrência (*as gastam = gastam as notas*)⁴, tendo a associação se baseado na comunidade da forma acústica, produzindo uma homofonia. Convém registrar que, na referida nota, esse grupo é considerado “uma categoria inferior de jogos de palavras que se funda em confusões absurdas que podem resultar do homônimo puro e simples”. (p. 146)

Do terceiro grupo, pode-se inferir que a escuta da homofonia traz à luz o corpo do falante, na medida em que o julgamento sobre semelhanças (e diferenças) entre *imagens acústicas* deixa visível sua dependência à chamada *atividade decisória do ouvido*. Por sua vez, essa atividade, ou melhor, o corpo do falante é apagado, na formação dos outros grupos, em favor do significado.

Convém realçar a referência feita, por Saussure (1995, p. 143), a *série mnemônica*, na proposta de que “a relação associativa une termos in absentia numa série mnemônica virtual”; essa referência aproxima os grupos associativos saussurianos à concepção freudiana de *movimento de traços mnemônicos*. Nesse aspecto, recorreremos a De Mauro (1916, p. 468, tradução nossa) que, em nota, afirma que “Frei (1929, p. 33) propõe definir como mnemônicas⁵ as relações associativas”.

Retomemos o grupo associativo formado pela simples comunidade acústica cuja autoria é atribuída, por alguns, aos editores do CLG. Indo de encontro a essa posição, De Mauro (1916, p. 469-470, tradução nossa) afirma, em nota: “Isto não é inteiramente exato: mesmo que os exemplos sejam dos editores, a ideia fundamental é de Saussure que, como mostram as fontes, afirmava: [...] Pode-se ter simples comunidade de imagens auditivas [...]”.

Nessa linha de pensamento, situa-se Testenoire (2018) que destaca do CLG comprovação para a assertiva de que Saussure não apenas concebeu esse grupo, como também não o desvalorizou. Afirma aquele autor que: “Contrariamente a seus dois alunos, ele [Saussure] não desconhece a importância desses fenômenos no funcionamento linguístico e na atividade discursiva dos sujeitos falantes” (TESTENOIRE, 2018, n.p., tradução nossa). Argumenta então que, no Curso que os alunos consignaram, entre as associações convocadas por uma palavra

³ Em francês: Les musiciens produisent les sons et les grainitiers les vendent.

⁴ Les vendent = vendent les sons

⁵ “memoriels”

(*enseignement*), estão “aquelas baseadas em uma ‘simples comunidade das imagens auditivas’ [...], sem reservar a esta última categoria um estatuto inferior” (TESTENOIRE, s.d., tradução nossa) e aponta para uma leitura reducionista, na recepção de Saussure, que teria obliterado o interesse do autor por esse tipo de associação.

Por sua vez, Arrivé, em nota, indica uma atitude ambígua dos editores em relação ao terceiro grupo associativo, na medida em que:

Por um lado, eles a rejeitaram em nota e se encarregaram de qualificar esse tipo de relação como ‘anormal’ [...]. Mas, por outro lado, eles não hesitaram em esclarecer o mecanismo posto em jogo por um exemplo de ‘trocadilho’ [...]. Apesar de o exemplo não provir de Saussure, ele esclarece perfeitamente o mecanismo. (ARRIVÉ, 2010, p. 88)

Uma dúvida é, portanto, levantada, em relação à autoria de Saussure, e uma ambiguidade é indicada quanto à formulação do exemplo e à desvalorização do grupo associativo cujo critério se restringe ao significante, ou melhor, a sua dimensão fônica. No entanto, ao que tudo indica, conforme foi posto, coube a Saussure conceber esse tipo específico de associação que não foi, por ele, rejeitado. Destacamos, então, no que toca esse grupo, a constatação de que, nele, o corpo do falante aparece por meio do movimento de associação entre traços sonoros, movimento necessário para que se formem grupos cujo critério consiste na semelhança fônica. Não parece demais repetir que esse grupo associativo possui uma visível dependência da escuta do falante para semelhanças (e diferenças) sonoras, ou seja, possui uma clara dependência da discriminação auditiva das semelhanças e diferenças fônicas entre as palavras associadas. Por sua vez, conforme já foi colocado, nos outros grupos associativos, a escuta da dimensão sonora dos termos agrupados ficaria encoberta por relações/aproximações de natureza semântica.

Convocamos, mais uma vez, Testenoire (2018), ao colocar em discussão a *figura vocal* que, na perspectiva saussuriana⁶, consiste em uma entidade material que interessa à acústica e à fisiologia, existindo, portanto, para o físico e para o fisiologista, mas não para o linguista ou para o falante, “porque a cada momento de sua existência, só EXISTE linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja o que é ou se torna signo”. (SAUSSURE, 2012, p. 44). No entanto, a qualquer momento, ela pode se transformar em *forme-sens*, em signo, ou melhor, passa a constituir o suporte material (corporal) de um signo. “É [portanto] uma entidade fônica que pode, a todo momento, servir de signo, tornar-se o suporte material da associação semiótica”. (TESTENOIRE, 2018, n.p., tradução nossa)

As figuras vocais começam a existir, para o linguista e para o falante, quando se torna forma, isto é, quando se relacionam com outras formas, passando a ser o suporte material do signo. Nessa perspectiva, “Chama-se *forma* uma figura vocal que é determinada *para a consciência dos sujeitos falantes*” (SAUSSURE,

⁶ Sobre a abordagem da figura vocal em Saussure e seus efeitos sobre a concepção da homofonia segundo esse autor, ver Testenoire (2018).

2012, p. 47). Daí se pode inferir que a chamada *figura vocal* consistiria na atividade decisória do corpo-ouvido-memória e, nesse sentido, afirma Saussure ao abordar a questão da identidade:

Considerando-se o que pode existir, na linguagem, de mais material, de mais simples e de mais independente no tempo, por exemplo, ‘o grupo *aka*’ ou ‘a vogal *a*’, previamente separados de toda significação, de toda ideia de emprego, tem-se apenas uma série de *ações* (fisiológico-acústicas) que nós consideramos concordantes. (SAUSSURE, 2012, p. 170, grifo do autor)

Podemos inferir, então, que a associação sonora entre traços mnemônicos, para o genebrino, consiste no substrato corporal.

Apelamos ainda para Testenoire (2018) que destaca, na proposta saussuriana, a reflexão no espírito do falante concebida como condição para que exista a homofonia. Afirma esse autor:

Fora da consciência dos sujeitos, não existe, para Saussure, identidade; apenas a *identidade de duas sequências de sons*. A homofonia somente existe do ponto de vista de um sujeito que reconhece entre duas ‘formas-sentido’⁷ uma identidade fônica. ‘À primeira vista’, os sujeitos falantes têm consciência apenas dos signos linguísticos em um estado de língua [...]. As figuras vocais estão em segundo plano na consciência. A sua descoberta pelo falante – porque podemos imaginar um locutor descobrindo a homofonia entre Cher e cher ami – necessita de uma operação mental. (TESTENOIRE, 2018, n.p., tradução e grifo nossos)

Convém realçar que, nessa proposta, a homofonia não preexiste no sistema da língua, mas ela reconhecida/produzida pelo falante, por meio de uma operação mental, de uma atividade consciente, reflexiva.

A homofonia seria então o reconhecimento, pelo falante, de uma identidade ou semelhança entre figuras vocais⁸, ou melhor, entre materialidades fônicas de signos linguísticos de um estado de língua, conforme apreendidos e usados pelo sujeito falante. As associações homofônicas advêm, então, de uma *consciência segunda* (atividade epilinguística, reflexiva do falante) que ocorre sobre os signos constitutivos de um estado de língua, podendo um falante passar a

⁷ Formes-sens.

⁸ É importante realçar, com base na leitura do artigo de Testenoire (2018), que está sendo usado o termo homofonia no sentido geral de uma aproximação entre figuras vocais, quer se trate de uma identidade ou de uma semelhança sonora entre palavras que diferem quanto ao sentido, quer se trate de uma diferença apenas quanto ao sentido ou quanto ao sentido e à escrita; por sua vez, a homofonia também pode ser reconhecida, pelo falante, entre palavras de sua língua e palavras de língua estrangeira.

vida toda sem reconhecer, por exemplo, a identidade sonora entre *Cher e cher ami*, em francês⁹.

Nessa abordagem da homofonia na perspectiva saussuriana, é ainda fundamental fazermos referência a um (aparente) paradoxo indicado por Testenoire (2018), isto é, de um lado, conforme foi colocado antes, tem-se a inexistência da figura vocal do ponto de vista do linguista ou do falante e, de outro lado, a sua presença na escuta do falante, como condição para que se constitua a homofonia: “Embora ele [Saussure] tenha colocado, na *Essência dupla*, a não existência linguística da figura vocal para o sujeito falante, ele determina aqui sua existência para o sujeito ao desenvolver uma abordagem reflexiva da língua”. (TESTENOIRE, 2018, n.p., tradução nossa)

No nosso entender, essa indicação constitui um aspecto relevante a ser colocado em discussão em trabalho posterior. Por enquanto, poderíamos indagar: no momento de sua inexistência, ou seja, de sua exclusão da escuta do falante (ou do linguista) e no momento de sua presença – melhor diríamos, de seu retorno – imprescindível a essa escuta, durante as aproximações homofônicas, estaríamos falando da mesma figura vocal? Formulando de outro modo: nesses dois momentos, teria a figura vocal o mesmo estatuto? Tenderíamos a supor uma resposta negativa a essa questão, até porque, na homofonia na perspectiva saussuriana, o falante vem à tona, por meio de uma operação mental, o que não acontece no outro caso. Vislumbra-se, portanto, uma complexidade nesse aparente paradoxo, o que parece reforçar a complexidade implicada na noção de corpo.

Convém, ainda, transcrever a seguinte colocação:

Não temos o direito de pensar que um aspecto da linguagem seja anterior e superior aos outros, devendo servir de ponto de partida. Existiria esse direito se um aspecto da linguagem fosse dado fora dos outros, ou seja, fora de qualquer operação de abstração e de generalização de nossa parte; mas basta refletir para ver que não há um único que se inclua nesse caso. (SAUSSURE, 2012, p. 170)

O autor coloca em questão a existência de uma ordenação no que diz respeito aos vários aspectos da linguagem que estariam, portanto, imbricados, sem possibilidade de separação, na medida em que nenhum deles existiria de antemão, fora dos outros, ou seja, “determinado em si mesmo” (2012, p. 26).

Considerando o objetivo deste artigo, é importante, ainda em relação ao terceiro grupo saussuriano, citar Túlio de Mauro que, em nota de sua edição crítica, afirma: “A teoria freudiana dos *lapsus linguae* [lapsos de fala] pode ser considerada como uma confirmação clínica da hipótese linguística de Saussure [...]” (1972, nota 253, p. 469, tradução nossa)

Nessa direção, ao comentar o exemplo da relação estabelecida (em alemão) entre *blau e durchbäuen*¹⁰, Arrivé destaca:

⁹ Exemplo dado por Saussure (2012, p. 47): Cher = nome de uma cidade francesa e cher ami = querido amigo em português.

Apesar de serem totalmente distintos enquanto signos (nenhuma relação no nível do significado entre os dois *blau*), essas suas palavras não são menos associadas pelos sujeitos falantes sob o efeito único do significante. Aqui, efetivamente, percebe-se um discreto encontro com Freud: a análise do *Witz* ou do lapso decorre, bem o sabemos, de acordo com essas associações. (ARRIVÉ, 2010, p. 89)

Nessa perspectiva, são muitos os exemplos freudianos de lapsos de fala¹¹ (e de chistes) em que a materialidade fônica é decisiva para as associações realizadas pelos sujeitos falantes. Dentre os vários exemplos de lapsos, recortamos três que ocorreram na fala: “Dr. Stekel, durante uma tumultuada assembleia geral, disse: ‘Vamos agora *streiten* [brigar]’ (em vez de ‘*schreiten* [passar]’) ao item quatro da agenda”. (FREUD, 1996c, p. 81). Em outro exemplo semelhante ao primeiro: “Disse um professor, em sua aula inaugural: ‘Não estou *geneigt* [inclinado]’, em vez de ‘*geegnet* [apto]’) a descrever os méritos do meu estimado predecessor”. (p. 82).

O autor também se refere a casos em que o material linguístico favorece o aparecimento de lapsos que têm efeito de chiste, como o que se segue:

– Esse encantador chapéu novo, suponho que você mesma o tenha *aufgepatzi* [em vez de “*aufgeputzi* (enfeitado)”], não é? – disse uma dama a outra em tom de admiração. Mas teve de interromper o elogio pretendido, pois sua crítica silenciosa de que os enfeites do chapéu [“*Hutauflputz*”] eram uma “*Patzerei* [uma barafunda]” fora indicada com demasiada clareza por esse lapso indelicado para que qualquer outra expressão de admiração convencional soasse convincente. (FREUD, 1996c, p. 97)

Nos três casos, é a semelhança fônica que sustenta a troca de palavras: *schreiten* por *streiten*, no primeiro exemplo, *geegnet* por *geneigt*, no segundo e *aufgeputzi* por *aufgepatzi*, no terceiro. Melhor dizendo, ocorreu uma troca de fonemas, em virtude de uma associação pelo puro significante, ou seja, pela semelhança sonora entre as palavras.

A esse respeito, coloca Freud (1996c, p. 92): “Não pretendo pôr em dúvida as leis que regem a maneira como os sons se modificam mutuamente, mas, por si só, essa leis não me parecem ter eficácia suficiente para perturbar a enunciação correta da fala”. Assim, para o autor, as leis de associação de sons não são suficientes para determinar por si mesmas os lapsos. Propõe então que:

¹⁰ Blau = a cor azul e durchbäuen = moer de pancadas.

¹¹ Optamos por usar a expressão lapsos de fala e não lapsos de linguagem.

[...] dificilmente haverá algum [lapso de fala] em que eu seja forçado a atribuir a perturbação na fala única e exclusivamente ao que Wundt (1900, p. 392) chama de “efeito de contato dos sons”. Quase invariavelmente descubro, ademais, uma influência perturbadora que provém de algo externo ao enunciado pretendido; e o elemento perturbador é um pensamento singular que permaneceu inconsciente [...]. (FREUD, 1996c, p. 74)

Mais adiante, reforça essa proposta:

Por conseguinte, tanto nas perturbações mais grosseiras da fala quanto nas mais sutis, que ainda podem ser classificadas sob o título de “lapsos de fala”, penso que não é a influencia do “efeito de contato dos sons” [p. 74], mas sim a influência de pensamentos situados fora do dito intencionado, que determina a ocorrência do lapso e fornece uma explicação adequada para o equívoco ocorrido. (FREUD, 1996c, p. 92)

O lapso é, portanto, “resultante da perturbação causada por um pensamento inconsciente que provinha de um contexto completamente diferente.” (p. 76). O pai da psicanálise se refere, portanto, a causas externas às palavras ou aos enunciados pretendidos; essas causas consistem em pensamentos inconscientes que são, por conseguinte, determinantes das perturbações na fala.

Podemos dizer, então, que a atividade decisório-associativa do corpo-ouvido-memória seria necessária, mas não suficiente para a produção da homofonia, nos dois autores em foco. Para acentuar esse encontro, convém notar que, nessa produção, tanto a operação consciente na proposta saussuriana, quanto a operação inconsciente na proposta freudiana atuam sobre *formes-sens* que constituem estados de língua e são usadas pelos falantes. Desse encontro, porém, já podemos indicar um desencontro: enquanto a operação consciente não modifica a relação *forme-sens*, quando as palavras se aproximam pela semelhança fônica, a operação inconsciente, na homofonia, rompe, desfaz essa relação, produzindo outros sentidos, ou melhor, fazendo vir à tona um sujeito que se divide entre consciente e inconsciente, no sentido psicanalítico.

4. CONCLUSÕES

Do que foi posto antes, infere-se que se poderia reconhecer, entre Freud e Saussure, uma aproximação que diz respeito à homofonia, que se funda na associação, por identidade ou por semelhança, entre traços mnemônicos *sonoros*, o que, considerando a perspectiva dos dois autores, seria uma aproximação que diz respeito ao *corpo* do falante. Dizendo de outro modo, o grupo associativo saussuriano que segue o critério apenas da comunidade de imagens acústicas se aproxima das associações de palavras que estão na base dos lapsos (e dos chistes) freudianos, na medida em que, em última análise, trazem à tona o corpo do falante, no que diz respeito ao julgamento/associação de semelhanças (e

diferenças) entre materialidades fônicas. Nessas associações, portanto, o *corpo* do falante vem à tona por meio de sua atividade decisória que, embora necessária, não é, entretanto, suficiente para produzir a homofonia dos grupos associativos saussurianos ou dos lapsos e chistes freudianos. É preciso haver a operação da significação, isto é, a formação de palavras que, segundo Saussure, consistem nas *formes-sens* de um determinado estado de língua, conforme são percebidas e usadas pelo falante. Assim, a produção homofônica requer uma *operação psíquica segunda*, ou seja, uma operação realizada sobre essas *formes-sens*. Por sua vez, nas duas propostas, essa operação psíquica é determinante da aproximação homofônica na escuta do falante: uma operação mental, reflexiva, em Saussure e uma operação inconsciente, em Freud. Em outras palavras, o estatuto dessa operação determinante da homofonia constitui o ponto de desencontro radical entre os dois autores.

É nesse sentido, portanto, que supomos a existência de um encontro entre o pai da linguística e o pai da psicanálise, destacando, contudo, que não se trata de um encontro pacífico, um encontro sem problemas, tanto pelo fato de que o conceito de corpo, nos dois autores, é nebuloso, como também pelos efeitos de desencontro que, paradoxalmente, esse conceito produziu. Lembremos, por exemplo, que as questões relativas ao corpo do falante produziram efeitos bem diferentes sobre cada um dos dois autores. Assim, muito embora, conforme destacou Testenoire (2018), Saussure não tenha negligenciado ou desvalorizado o lugar ocupado pelo falante – o que atestam várias passagens de sua obra, como é o caso do terceiro grupo associativo –, propomos que o genebrino não teria se confrontado com a noção de corpo que vem à tona na homofonia; em outras palavras, ele não teria se confrontado com os efeitos dessa noção sobre a construção de seu edifício linguístico. Convém notar que não foram tiradas as consequências do fato de que esse grupo associativo segue uma lei que rege, ao mesmo tempo, a língua em seu funcionamento sistêmico e a escuta do falante. No que toca o encontro proposto, talvez se possa falar em uma *relação antitética*: de um lado, para elaborar sua teoria linguística, Saussure não tirou as consequências da noção de *corpo* do falante – cuja atividade vem à tona na homofonia – sobre a concepção de língua como sistema que obedece, apenas, a sua ordem própria; de outro lado, Freud precisou trazer à luz essa noção, tirando dela consequências, a fim de formular a concepção de *corpo pulsional*, corpo sexuado que constituiu a fundação do edifício psicanalítico.

Finalizamos, então, com uma pergunta: esse encontro entre Saussure e Freud que consiste, paradoxalmente, em um desencontro, não poderia ser considerado do ponto de vista dos efeitos divergentes que a noção de corpo – convergente nos dois autores – produziu sobre cada uma das teorias, efeitos que marcaram com nitidez a diferença entre a teoria linguística saussuriana e a teoria psicanalítica freudiana?

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BORGES, S. *O quebra-cabeça da escrita: a alfabetização depois de Lacan*. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

CARVALHO, G.M.M. *O Corpo na elaboração saussuriana de língua: um ponto paradoxal*. Trabalho apresentado na III Jornada de Estudos Saussurianos, UNICAMP, Campinas, São Paulo, setembro de 2016.

CARVALHO, G.M.M.; VILAR DE MELO, M.F. *Pontos polêmicos no conceito saussuriano de signo*. Trabalho apresentado na II Jornada de Estudos Saussurianos, UNICAMP, Campinas, São Paulo, outubro de 2013.

FREUD, S. "Projeto para uma psicologia científica." *Edição Standard das Obras Completas de Freud*, v. I. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, p. 335-396.

_____. "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess." *Edição Standard das Obras Completas de Freud*, v. I. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 219-331.

_____. "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana". *Edição Standard das Obras Completas de Freud*, v. VI. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

LINDENMEYER, C. Qual é o estatuto do corpo na psicanálise? *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 44. n. 2, p. 341-359, 2012.

PARRET, H. Les manuscrits Saussureans de Harvard. *Cahiers de Ferdinand de Saussure*, n.47, p. 179-234, 1993.

_____. Réflexions saussuriennes sur le Temps et le Moi. *Cahiers de Ferdinand de Saussure*, n.49, p. 85-119, 1995.

_____. *Le Son et l'Oreille: six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard*. Limoges: Lambert-Lucas, 2014.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica preparada por DE MAURO, T. Paris: Payot, 1995.

_____. *Curso de linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Isidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

_____. *Escritos de linguística geral*. BOUQUET, S; ENGLER, R. (eds.). Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lucia Franco. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TESTENOIRE, P.-Y. “Jeux de mots, jeux phoniques et anagrammes dans la réflexion linguistique de Saussure.” In MICHELLE, L.; BETTINA, F. (eds.), *Jeux de mots et créativité linguistique*, Berlin: De Gruyter, no prelo. (A sair em 2018)

WINOGRAD, M.; MENDES, L.C. Qual corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. *Psicologia: teoria e prática*, v. 11, n.2, p. 211-223, 2009.

Glória Maria Monteiro Carvalho
GMMCarvalho@uol.com.br

Maria de Fátima Vilar Melo
MFVMelo@uol.com.br

Recebido em: 10 mar. 2018

Aceito em: 11 jun. 2018

Publicado em: 19 ago. 2018